

Fatores de risco e transtornos comportamentais concomitantes em cães de companhia com medo exagerado a sons*

Carla Caroline Franzini de Souza¹ e Magda Alves de Medeiros²⁺

ABSTRACT. Souza C.C.F. & Medeiros M.A. [Risk factors and co-occurrence with other behavioral disorders in domestic dogs with exaggerated fear of sounds.] Fatores de risco e transtornos comportamentais concomitantes em cães de companhia com medo exagerado a sons. *Revista Brasileira de Medicina Veterinária*, 38(Supl.2):175-182, 2016. Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, BR 465, Km 7, Campus Universitário, Seropédica, RJ 23897-970, Brasil. Email: magda.medeiros@gmail.com

An online questionnaire containing 26 questions, with 350 responses collected between June and August 2016, was used to investigate the risk factors and co-occurrence of other behavioral changes in dogs with exaggerated fear of sounds. The general characteristics of dogs and tutors, the quality of the relationship between dogs and tutors; behavioral parameters of fear, concomitant behavioral disorders, the onset of fear and the possible triggering events were evaluated. Most of the dogs were female, castrated, adult, SRD, with origin from street rescue or donation, with good affective relationship and obedience with their tutors. The most frequent concomitant behavioral disorders were separation anxiety, agitation, excessive vocalization and aggressiveness, where 32.9% of dogs had 3 or more behavioral disorders simultaneously. The sounds most marked as the cause of fear were fireworks, thunder and alarms and sirens, where 23.4% of the dogs were afraid of 3 or more sounds. The most intense behavioral responses observed by tutors were trembling, hiding, and panting. The quality of the relationship between dogs and tutors and the dogs obedience were related to the occurrence of some concomitant behavioral disorders. Research on the prevalence, risk factors of behavioral disorders in dogs, as well as their consequences on the relationship between tutors and dog and on family well-being are fundamental for the understanding of these behavioral changes as well as for the development of therapeutic and preventive approaches.

KEY WORDS. Fear, behavioral disorders, dog, fireworks, thunder.

RESUMO. Um questionário online contendo 26 questões, com 350 respostas colhidas entre junho e agosto de 2016, foi utilizado para investigar os fatores de risco e co-ocorrência de outras alterações comportamentais em cães com medo exagerado a sons. Foram abordadas as características gerais dos cães e tutores; a qualidade da relação entre eles; os parâmetros comportamentais no medo; os transtornos comportamentais concomitantes; a idade de

início do medo e os possíveis eventos desencadeadores. A maioria dos cães analisados foram fêmeas, castradas, adultas, SRD, com origem de resgate de rua ou doação, com boa relação afetiva e de obediência com seus tutores. Os transtornos comportamentais concomitantes mais frequentes foram a ansiedade de separação, agitação, vocalização excessiva e agressividade com outros animais, onde 32,9% dos cães apresentavam 3 ou mais transtor-

* Recebido em 30 setembro de 2016.

Aceito para publicação em 28 de outubro de 2016.

¹ Médica-veterinária, Pós-Graduação em Ciências Fisiológicas e Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), BR 465 Km 7, Campus Universitário, Seropédica, RJ 23897-970. E-mail: carlacfranzini@gmail.com

² Docente, Programa de Pós-Graduação em Ciências Fisiológicas e Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, UFRRJ, BR 465 Km 7, Campus Universitário, Seropédica, RJ 23897-970, Brasil. +Autora para correspondência, E-mail: magda.medeiros@gmail.com

nos comportamentais simultaneamente. Os sons mais assinalados como causadores de medo foram fogos de artifício, trovão e alarmes e sirenes, onde 23,4% dos cães apresentaram medo de 3 ou mais sons. As respostas comportamentais mais intensas observadas pelos tutores foram tremer, se esconder e arfar. A qualidade da convivência e a obediência ruim foram relacionadas à ocorrência de alguns dos transtornos comportamentais concomitantes. A investigação da prevalência, dos fatores de risco dos distúrbios comportamentais em cães, assim como suas consequências na relação entre tutor e cão e no bem-estar familiar são fundamentais para o entendimento destas alterações comportamentais assim como para o desenvolvimento de abordagens terapêuticas e preventivas.

PALAVRAS-CHAVE. Medo, distúrbios comportamentais, cão, fogos de artifício, trovão.

INTRODUÇÃO

Estímulos sonoros são reconhecidos pelo sistema auditivo e avaliados quanto a sua relevância, para que o indivíduo possa reconhecer situações de perigo. De acordo com variabilidade, intensidade, complexidade, previsibilidade e consequente significado do estímulo sonoro, o sistema auditivo promoverá a ativação de estados emocionais e respostas comportamentais distintas. Em sons repentinos, intensos e de caráter assustador, o reflexo de sobressalto é acionado. Este reflexo pode se tornar exagerado conforme as características individuais do ouvinte que são influenciadas por tendências genéticas, experiências prévias, personalidade entre outros fatores (Westman & Walters 1981).

Os sons de fogos de artifício e trovão, provavelmente por seu caráter imprevisível para a espécie canina, constituí uma classe de estímulo estressor importante, apresentando um grande potencial ao desenvolvimento de transtornos comportamentais como o medo exagerado, pânico e fobias. O medo exagerado a sons está entre os transtornos comportamentais mais comuns em cães, com ocorrência em todas as raças. Apesar da grande variabilidade entre os indivíduos, as respostas fisiológicas geralmente cursam com hiperativação autonômica, devido ao acionamento intenso e desproporcional das vias do medo e da ansiedade (Sherman & Mills 2008, Overall 2010).

A proximidade com o homem geralmente interfere positivamente nas respostas de estresse não só do cão como também do próprio homem. No entanto, embora os cães apresentem uma flexibilidade comportamental, conflitos vivenciados num

contexto tão complexo e hiperestimulante como a vida ao lado do homem urbano, podem influenciar negativamente nas respostas de medo e ansiedade desses animais (Appleby & Pluijmakers 2004, Kuhne et al. 2014).

Dessa forma, é importante identificar os possíveis fatores desencadeantes ou qual combinação de fatores determina maior risco ao desenvolvimento do medo exagerado a sons. O presente estudo avaliou através de um questionário online, respondido por tutores de cães com histórico de medo a sons, as diferentes respostas de medo, os tipos de sons que comumente causam medo exagerado, os transtornos comportamentais concomitantes, os eventos desencadeadores e a qualidade da relação entre o tutor e seu cão. Além disso foi avaliado de que forma esses fatores se correlacionam favorecendo ao surgimento dos distúrbios do medo e da ansiedade ligados ao som.

MATERIAL E MÉTODOS

Um questionário destinado a tutores de cães com medo exagerado a sons, após ser pré-testado foi divulgado na internet por meio do Google docs, no endereço:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdp8omM4KAiLQgSyI6pChyoKCFEKz_ee-5FkxbWBpYZAIPM0A/viewform. A fim de garantir uma amostra representativa o questionário foi distribuído e divulgado através de email (pesquisacaofobico@gmail.com), telefone e redes sociais (<https://www.facebook.com/pesquisacaofobico/>).

No questionário, contendo vinte e seis questões (discursivas, objetivas de resposta única ou múltipla) foram avaliadas as características individuais dos cães (raça, sexo, idade, castrado e origem); características gerais do tutor (idade, gênero e profissão), a qualidade da relação entre cães e tutores (afeto e obediência, numa escala de 1 a 5, onde 1 é muito ruim e 5 é muito boa); a idade de início do medo exagerado (desconhecida; < 6 meses; ≈ 1 ano; ≈ 3 anos; ≈ 6 anos e ≥ 8 anos); quais tipos de sons que geram medo (questão de resposta múltipla: trovão, fogos de artifício, voz alta, alarmes/sirenes, caminhão/carro); a existência de um possível evento desencadeador do medo e de transtornos comportamentais concomitantes (questão de resposta múltipla: sem outros transtornos, ansiedade de separação, agitação, vocalização excessiva, rosar para pessoas, rosar para animais, morder pessoas, morder animais, excreção inadequada, esconder, apatia, destruição, automutilação, timidez, comportamento estereotipado, coprofagia, submissão).

Os eventos desencadeadores foram relatados pelos tutores em questão discursiva e cada resposta foi agrupada conforme suas características comuns.

Em relação às reações de medo ao som, as questões se basearam na magnitude das respostas a ele, conforme a intensidade e frequência de parâmetros comportamentais (tremer, arfar, vocalização, excreção, destruição,

automutilação, esconder, procurar pessoas, salivação e congelamento). A estes parâmetros foram atribuídos escores numa escala de 0 a 5, onde 0 = não apresenta e 5 = apresenta todo o tempo em alta intensidade (Crowell-Davis et al. 2003, Mills et al. 2003)

Análise estatística

As análises estatísticas foram realizadas utilizando o programa SPSS versão 20 para Windows (© SPSS Inc.). Para os dados referentes ao perfil dos tutores (gênero; profissão e região do país), assim como das características gerais dos animais (idade; raça; sexo; castração; origem), transtornos comportamentais concomitantes; sons que apresentam medo e qualidade da relação entre cães e tutores foram avaliadas através de estatística descritiva.

Potenciais fatores de risco para ocorrência do medo exagerado foram analisadas através de Regressão nominal ou ordinal de acordo com os casos, considerando os fatores idade, raça e evento desencadeador; início do medo e evento desencadeador; ansiedade de separação e medo de sons; qualidade da convivência, obediência e transtornos comportamentais concomitantes e origem com transtornos comportamentais concomitantes. Os gráficos foram construídos através do programa Graphpad Prism 6.0.

RESULTADOS

Para fins de compilação dos dados utilizou-se os questionários respondidos entre junho e agosto de 2016.

Perfil dos tutores e características gerais dos animais

No período estabelecido o total de 350 tutores responderam ao questionário online. As respostas abrangeram 14 estados brasileiros descritos na Tabela 1 conforme a região do país a qual pertencem. A região sudeste foi a de maior participação com 49,7% dos respondentes do estado do Rio de Janeiro, seguido de 35,1% do estado de São Paulo (Tabela 1).

Os tutores participantes foram sobretudo mulheres 92,3% (n=323), as profissões declaradas com maior frequência foram: médicos veterinários 23,4% (n=82); professores 9,4% (n=33); donas de casa 4,6% (n=16); advogados 3,4% (n=12) e estudantes universitários 13% (n=46).

Quanto aos animais, na maioria foram fêmeas (61,1%), adultos (50,6%), sem raça definida (SRD) (44,3%), castrados (62,9%), adquiridos por meio de doação (34%) ou resgatado da rua (28,9%) (Tabela 2). Animais adquiridos por meio de compra, abrigo ou nascidos em casa foram 25,1%, 4,9% e 7,1% respectivamente.

A idade dos animais variou entre 4 meses e 17

anos, no entanto para facilitar a análise, as idades foram categorizadas como: jovens, cães com idade até dois anos, adultos com idade entre 3 e 7 anos e idosos a partir dos 8 anos de idade. Desta forma, de acordo com a faixa etária, 14,3% eram jovens (média 1,4 anos; moda 2 anos); 50,6% adultos (média 4,9 anos; moda 5 anos) e 35,1% de idosos (média 10,4 anos; moda 8 anos).

Foram declaradas 31 raças, além, dos sem raça definida (SRD) (44,3%) e mestiços (6,3%), descritas na Tabela 2.

Características comportamentais

Os transtornos comportamentais concomitantes ao medo mais assinalados foram: ansiedade de separação (38,6%, n=135); agitação (34%, n=119); vocalização excessiva (21,1%, n=74) e agressividade com outros animais (18,3%, n=64) (Figura 1). Levando em conta as múltiplas respostas 32,9% (n=115) dos cães apresentaram 3 ou mais transtornos comportamentais concomitantes.

Sobre a qualidade da convivência entre o tutor e seu cão, 90% dos tutores (n=315) relatou ter uma

Tabela 1. Número de respondentes conforme as regiões do país.

Regiões do Brasil	
Centro-Oeste	2
Nordeste	5
Norte	3
Sul	14
Sudeste	326
Rio de Janeiro	174
São Paulo	123
Total de estados	14

Tabela 2. Raça conforme faixa etária.

Raça	Total	%	Jovens	Adultos	Idosos
SRD	155	44,3%	29	80	46
Mestiço	23	6,6%	2	13	8
Shih tzu	23	6,6%	4	14	5
Lhasa Apso	18	5,1%	1	7	10
Yorkshire	15	4,3%	0	9	6
Border Collie	13	3,7%	2	8	3
Dachshund	12	3,4%	0	9	3
Poodle	12	3,4%	1	3	8
Pinscher	8	2,3%	0	4	4
Pitbull	8	2,3%	2	2	4
Labrador	8	2,3%	2	4	2
Pastor	7	2,0%	1	2	4
Boxer	7	2,0%	1	5	1
Maltês	5	1,4%	0	2	3
Beagle	4	1,1%	2	2	0
Staffordshire	4	1,1%	1	2	1
Bull Terrier					
Golden Retriever	4	1,1%	1	3	0
Outras	24	6,9%	1	8	15
Total	350		50	177	123
%		100%	14,30%	50,60%	35,10%

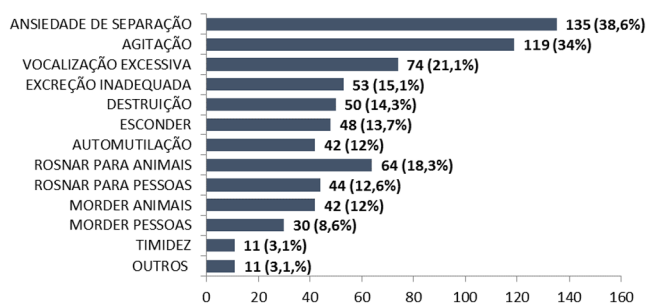


Figura 1. Transtornos comportamentais concomitantes ao medo exagerado a sons.

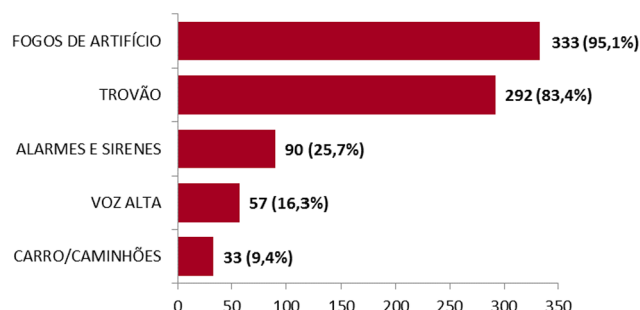


Figura 2. Sons que causam medo exagerado em cães.

relação muito boa, 7,4% (n=26) relatou ter uma relação boa e apenas (0,9%, n=3) relatou ter uma relação ruim. Quando questionados quanto à obediência dos cães, as avaliações foram sobretudo satisfatórias, sendo muito boa (34,3%, n=120), boa (32,9%, n=115) e normal (24,6%, n=86). O nível de obediência foi considerado ruim ou muito ruim em apenas 7,1% (n=25) e 1,1% (n=4) dos questionados respectivamente.

Entre os sons mais assinalados como causadores de medo destacam-se os sons de trovão, fogos de artifício, carro/caminhão, alarmes e sirenes e voz alta. Dentro destas opções, as mais assinaladas foram: fogos de artifício (95,1%, n=333); trovão (83,4%, n=292) e alarmes e sirenes (25,7%, n=90) (Figura 2). Levan-

do em conta as múltiplas respostas 23,4% (n=82) dos cães tem medo de três ou mais sons.

Quanto ao início dos sinais de medo, a maioria dos tutores informou desconhecer (29,7%, n=104), 29,1% (n=102) relatou ter sido antes dos 6 meses, 28,3% (n=99) próximo de 1 ano e com menor frequência próximo de 3 anos 8,3% (n=29), próximo de 6 anos 2,9% (n=10) e maior que 8 anos 1,7% (n=6).

Sobre o possível evento desencadeador, 77,7% (n=272) informaram que desconhecem qualquer evento e 21,7% (n=76) referiram-se a alguma possibilidade. Dentre as hipóteses as mais relatadas foram: um evento festivo com fogos de artifício (7,7%, n=27), onde 40,7% destes animais tinham idade de início do medo próxima de 1 ano e 22% próxima dos 6 meses; maus tratos (5,7%, n=20), onde 25% destes animais tinham idade de início do medo próxima dos 6 meses, e transmissão social (2,3%, n=8), com 50% destes animais com idade de início do medo próxima de 1 ano e 37,5% próxima dos 3 anos (Tabela 3).

Os comportamentos mais intensos foram tremer onde 70,9% (n=248) assinalaram notas entre 3 e 5; se esconder onde 61,1% (214) assinalaram nota máxima (5) e 79,1% (n=277) notas entre 3 e 5; arfar com 66,3% (n=232) das notas atribuídas entre 3 e 5 e procurar por pessoas com 74,3% (n=260) com notas entre 3 e 5. Alguns comportamentos foram menos intensos como: salivação, eliminação, atitudes destrutivas, automutilação, vocalização e congelamento que obtiveram nota zero como escore em 71,7%, 78,6%, 68%, 86,6%, 44,6% e 62,3% respectivamente (Figura 3).

Fatores de Risco

Não foi detectada relação entre os fatores idade, raça e o evento desencadeador, assim como entre o evento desencadeador e o início do medo. A análise de Regressão não detectou significância entre

Tabela 3. Evento desencadeador conforme a idade de início do medo.

Evento desencadeador	Idade de início do medo					Desconhece	Total	%
	<6 meses	≈ 1 ano	≈ 3 anos	≈ 6 anos	≥ 8 anos			
Desconhece	86	76	20	7	3	80	272	77,7
Evento festivo com fogos de artifício	6	11	3	2	2	3	27	7,7
Maus tratos	5					15	20	5,7
Transmissão social	1	4	3				8	2,3
Trauma induzido		3	1			3	7	2,0
Tempestade forte	1	4		1			6	1,7
Queda de fogos de artifício em casa	2	1			1		4	1,1
Choque elétrico			1			1	2	0,6
Morte na família	1		1				2	0,6
Convulsão	2						2	0,6
Total	104	99	29	10	6	102	350	
%	29,7	28,3	7,4	2,9	1,7	29,1	100	

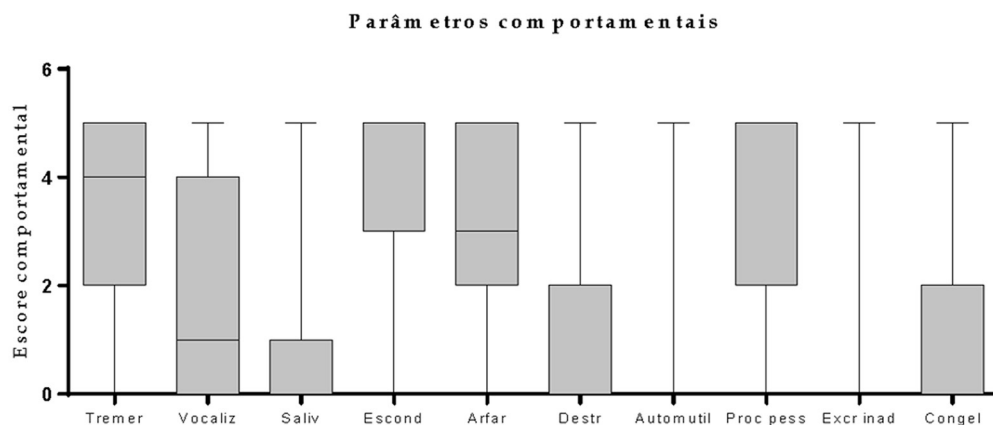


Figura 3. Parâmetros comportamentais do medo exagerado a sons. Vocaliz = vocalização; saliv = salivação; escond = esconder; destr = destruição; automutil = automutilação; proc pess = procurar pessoas; excr inad = excreção inadequada e congel = congelamento.

Tabela 4. Transtornos comportamentais concomitantes conforme a qualidade da convivência e obediência.

Obediência Transtorno comportamental concomitante	Convivência				Total	%
	Muito boa	Boa	Normal	Ruim		
Ruim	19	5		1	25	7,1%
Agitação	2	1			3	12%
Ansiedade De Separação; Excreção Inadequada	3				3	12%
Outros	14	4		2	19	76%
Muito ruim	1		2	1	4	1,1%
Agitação; Rosnar Para Animais; Excreção Inadequada; Destruição	1				1	25%
Ansiedade de Separação; Agitação; Vocalização Excessiva; Rosnar Para Pessoas e Animais; Excreção Inadequada; Destruição				1	1	25%
Ansiedade de Separação; Rosna e Morde Pessoas e Animais		1		1	2	25%
Vocalização Excessiva; Morde Pessoas; Rosna e Morde Animais; Excreção Inadequada			1		1	25%
Boa/ Muito Boa/ Normal	296	20	4	1	321	91,7%
Total	316	25	6	3	350	
%	90,3%	7,1%	1,7%	0,9%	100%	

os fatores ansiedade de separação e diferentes tipos de som (trovão, fogos, alarmes e sirenes, voz alta e carro/caminhão), e ansiedade de separação e os escores comportamentais de medo (tremor, vocalização, salivação, esconder, arfar, destruição, automutilação, procurar pessoas, eliminação e congelamento).

A análise de Regressão detectou significância entre a qualidade da convivência e a co-ocorrência de ansiedade ($p=0,05$); e entre obediência e agitação ($p=0,037$); rosnar para pessoas ($p=0,045$); rosnar para animais ($p>0,001$); morder pessoas ($p>0,001$); excreção inadequada ($p>0,001$); esconder ($p=0,047$) e destruição ($p=0,001$). Na Tabela 4 estão descritos os transtornos comportamentais concomitantes dos animais que apresentaram relação de obediência ruim e muito ruim, relacionados à qualidade da convivência.

Em relação à origem dos animais e os transtornos comportamentais concomitantes, a análise de

Regressão detectou significância entre a origem e de se esconder ($p=0,006$), onde cães resgatados da rua ($p=0,09$) e de doação ($p=0,014$) apresentam maior tendência a se esconder do que cães de outras.

DISCUSSÃO

Perfil dos tutores e características gerais dos animais

Os questionários têm sido utilizados em pesquisas referentes ao medo exagerado a sons nas últimas duas décadas em países da Europa e nos Estados Unidos (Blackwell et al. 2013, Branson & Rogers 2006, Crowell-Davis et al. 2003, Iimura 2006, Mills et al. 2003). Nesse contexto o presente estudo vem colaborar trazendo dados recentes de um local ainda não explorado por esse tipo de pesquisa.

Os trezentos e cinquenta tutores de cães dos quatorze estados brasileiros que responderam ao questionário veiculado pela internet, foram em sua maioria mulheres, professoras, médicas veterinárias

rias ou estudantes universitárias que adotaram ou resgataram cães SRD, moradoras principalmente dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Os cães descritos através do questionário foram em sua maioria fêmeas, castradas, adultas, SRD com origem de doação ou resgate que apresentam boa relação de afeto com seus tutores e de forma geral são obedientes. Exibem segundo seus tutores comportamentos relativos à ansiedade de separação e ou agitação além do medo exagerado a sons. Esse medo em sua maioria é de som de fogos de artifício e trovão e teve início antes dos seis meses de idade ou próximo a um ano, sem um evento desencadeador conhecido ou identificado pelos tutores.

Blackwell et al. (2013) relataram que maioria dos respondentes foram do sexo feminino em ambas as pesquisas. Já os cães estavam bem divididos entre os sexos. Eles eram em sua maioria adultos e de raça (85%), tendo por tanto como maior origem a compra. Porém em uma comparação entre os componentes das raças a que apresentou um maior número de cães com medo exagerado a sons foi a mestiça.

As raças pastor alemão e border collie são citadas entre as raças geneticamente mais predispostas a apresentarem fobia a sons (Overall et al. 2001). No presente estudo, a ocorrência destas raças foi pequena, somente 2% e 3,8% respectivamente para pastor alemão e border collie. Este fato se deve provavelmente a questões regionais, já que a maioria das respostas são da região Sudeste do Brasil da área urbana principalmente, sem tradição em criação de cães de pastoreio. Além do fato de que existe uma predominância de cães SRD no país de forma geral.

Os cães adultos e idosos foram a maioria relatada na população entrevistada. Blackwell et al. (2013) e Overall (2010) relataram que cães adultos (média de 5 anos) foram os mais relatados com medo exagerado a sons (Overall 2010, Blackwell et al. 2013). Segundo Overall (2010) as condições comportamentais relacionadas com a ansiedade se tornam mais aparentes ou pior com a maturidade social. E alguns casos a sensibilização que se dá com o tempo pode deixar o medo mais aparente, e as respostas comportamentais extremas tornam-se mais visíveis aos tutores, que consequentemente relatam maior ocorrência do problema (Overall 2010).

Características comportamentais

A ocorrência de transtornos comportamentais abala a relação entre tutor e cão, podendo ter im-

plicações importantes no bem estar familiar e qualidade da relação entre um e outro, podendo gerar até sérias consequências como o abandono e a eutanásia (Soares et al. 2010). Nesse contexto a importância da investigação da qualidade da relação entre o tutor e seu cão é evidente. Mas no caso de cães com medo exagerado a sons, a imensa maioria relatou ter uma relação de afeto muito boa com seu cão, o que não pareceu evidenciar um risco para a maioria dos respondentes como sugerido em outras pesquisa (Overall 2001).

Curiosamente a ansiedade de separação foi significativamente relacionada à relação de afeto muito boa entre tutor e cão, evidenciando que uma relação tão próxima possa levar a uma sobrecarga psicoemocional em alguns animais, ou nesse caso gerando uma dependência patológica para o cão, afetando diretamente seu bem estar.

Já os tutores que declararam ter uma relação de afeto ruim com seus cães apesar de representarem a minoria, declaram também possuir relação de obediência ruim ou muito ruim, se queixando especialmente de transtornos comportamentais que ocorrem simultaneamente como agitação, reações de agressividade como rosnar e morder pessoas e animais, excreção inadequada, além de vocalização excessiva e destruição.

Esse fato sugere que o medo exagerado a sons não pareceu abalar a relação entre cães e tutores na população participante, talvez porque os eventos sonoros que geram os transtornos comportamentais sejam mais pontuais e esporádicos. Já que a minoria que apresenta uma qualidade de relação ruim com seu cão foi correlacionada aos transtornos comportamentais concomitantes que costumam ser rotineiros. Ressaltando que 32,9% dos cães apresentaram três ou mais transtornos comportamentais simultaneamente, além do medo exagerado a sons.

Soares (2012) realizou um estudo sobre transtornos comportamentais em cães na cidade de Niterói-RJ, e relatou ansiedade de separação, agressividade, destruição, eliminação, falta de controle e medo de sons, como os transtornos comportamentais mais referidos como insatisfatórios (Soares et al. 2012). Um estudo seguinte do mesmo autor (Soares et al. 2010), apontou ser a agressão à causa mais frequente de abandono ou eutanásia por problemas comportamentais.

No Brasil existe uma cultura de não eutanaziar cães por queixas comportamentais. Segundo dados de Soares (2010) 89% dos médicos veterinários entrevistados em sua pesquisa relataram não realizar

esse procedimento por tais motivos (Soares et al. 2010). Em contra partida o abandono nas ruas e locais públicos é muito comum entre a população, em alguns casos já por transtornos comportamentais e em outros gerando traumas levando aos mesmos.

Reações de medo

Os sons assinalados como causadores de medo foram em maior frequência de fogos de artifício e trovão, corroborando com os estudos de Sherman & Mills (2008) e de Blackwell et al. (2013) que ressaltaram que a natureza imprevisível e incontrolável desses sons é um fator determinante para o medo.

Um quarto dos cães apresentou medo de pelo menos três sons simultaneamente, caracterizando uma sensibilidade maior já que os outros sons (alarmes e sirenes, voz alta e carro e caminhão) estão mais inseridos no cotidiano.

Mesmo sabendo que reações de medo a sons de caráter repentino são consideradas comuns em cães, nem todas as respostas são iguais (Sherman & Mills 2008, Overall 2010). Os comportamentos como tremer, eliminação, arfar, vigilância e salivação, podem ser mais associados à ansiedade. Já os comportamentos esconder, fugir e congelamento são mais agudos e parecem ser associados a uma reação de medo (Sherman & Mills 2008). E ainda os comportamentos como destruição e automutilação, ligados ao pânico e a fobia, além da vocalização e procurar por pessoas que podem ser relacionados a atitudes racionais de autodefesa.

Considerando esta análise e avaliando os casos de forma individual, tais características, poderiam ser observadas de forma mais significativa. Porém em âmbitos populacionais os comportamentos esconder, procurar pessoas e tremer foram os mais frequentes e de maior intensidade, diferente de automutilação, eliminação, salivação e congelamento que foram pouco frequentes e de baixa intensidade, talvez demonstrando uma menor tendência da população em questão para reações de ansiedade.

Overall (2001) sugere que a ansiedade de separação e a fobia a sons desencadeiam reações ligadas a hiperativação autonômica e comumente aparecem em comorbidade. Porém assim como Blackwell et al. (2013) que não encontrou correlação entre os dois transtornos, a ansiedade de separação mesmo sendo o transtorno comportamental concomitante mais relatado, não apresentou correlação significativa com as características do medo exagerado a sons.

A idade dos animais e a raça não apresentaram correlação, nem mesmo com os possíveis eventos desencadeadores, não evidenciando nenhum fator de risco ligado a linhagem dos cães na população analisada.

Com relação à idade de início do medo e o evento desencadeador pôde ser observado entre os 21% que identificaram algum evento, que o evento festivo com fogos de artifício foi o mais relatado como traumático sendo que a maioria dos animais tinha idade próxima a um ano de idade ou menor que seis meses. Outro evento traumático frequentemente relatado foi “maus tratos”, onde a maioria dos animais apresentavam idade menor que seis meses, sugerindo que eventos traumáticos na infância podem prejudicar a forma de lidar com eventos estressores ao longo de toda vida, favorecendo nesses indivíduos o surgimento de transtornos comportamentais.

Sabe-se que entre os fatores predisponentes ao surgimento do medo exagerado a sons, encontram-se as heranças genéticas, os episódios sociais, aspectos ambientais da infância do cão, a exposição a eventos traumáticos ou maus tratos, entre muitos outros (Appleby & Pluijmakers 2004, Blackwell et al. 2013). Nesse sentido o presente estudo, baseado em dados nacionais, não sugere fatores de risco que possam apontar causas específicas para o medo exagerado em cães. Desta forma, apesar de habitual o medo exagerado a sons se apresenta com caráter individual e variável, onde a resposta ao estímulo estressor naturalmente aversivo para espécie, ocorre de forma exagerada e nociva, desencadeada pelo conjunto de fatores predisponentes que tem ocorrência comum no meio de vida urbano e organização familiar homem cão atual.

CONCLUSÃO

Os sons mais relatados como causadores de medo exagerado foram fogos de artifício e trovão, e na maioria dos casos ocorreram em concomitância, possivelmente pelo caráter imprevisível e aversivo que ambos possuem para os cães. O medo exagerado a sons é um transtorno comportamental muito comum de caráter individual e variável desencadeado por uma associação de fatores ambientais, sociais, genéticos entre outros.

Estudos que discutam os distúrbios comportamentais em cães, sua prevalência, fatores de risco, consequências na relação entre tutor e cão e no bem estar familiar, são necessários por sua importância na saúde animal, facilitando abordagens terapêuticas quando necessário.

REFERÊNCIAS

- Appleby D. & Pluijmakers J. Separation anxiety in dogs: The function of homeostasis in its development and treatment. *Clinical Techniques in Small Animal Practice*, 19:205-215, 2004.
- Blackwell E.J., Bradshaw J.W.S. & Casey R.A. Fear responses to noises in domestic dogs: Prevalence, risk factors and co-occurrence with other fear related behaviour. *Applied Animal Behaviour Science*, 145:15-25, 2013.
- Branson N.J. & Rogers L.J. Relationship between paw preference strength and noise phobia in *Canis familiaris*. *Journal of Comparative Psychology*, 120:176-183, 2006.
- Crowell-Davis S.L., Seibert L.M., Sung W.L., Parthasarathy V. & Curtis T.M. Use of clomipramine, alprazolam, and behavior modification for treatment of storm phobia in dogs. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 222:744-748, 2003.
- Iimura K. The nature of noise fear in domestic dogs, MPhil thesis. University of Lincoln, 2006
- Kuhne F., Hößler J.C. & Struwe R. Emotions in dogs being petted by a familiar or unfamiliar person: Validating behavioural indicators of emotional states using heart rate variability. *Applied Animal Behaviour Science*, 161:113-120, 2014.
- Mills D.S., Gandia Estelles M., Coleshaw P.H. & Shorthouse C. Retrospective analysis of the treatment of firework fears in dogs. *Veterinary Record*, 153:561-562, 2003.
- Overall K.L. Noise reactivities and phobias in dogs: Behavior modification strategies. 2010.
- Overall K.L., Dunham A.E. & Frank D. Frequency of nonspecific clinical signs in dogs with separation anxiety, thunderstorm phobia, and noise phobia, alone or in combination. *Journal of American Veterinary Medicine Association*, 219:467-473, 2001.
- Sherman B.L. & Mills D.S. Canine anxieties and phobias: an update on separation anxiety and noise aversions. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, 38:1081-1106, vii, 2008.
- Soares G.M., Souza-Dantas L.M.D.A., D'Almeida J.M. & Paixão R.L. Epidemiologia de problemas comportamentais em cães no Brasil: inquérito entre médicos veterinários de pequenos animais. *Ciência Rural*, 40:873-879, 2010.
- Soares G.M., Telhado J. & Paixão R.L. Avaliação da percepção de proprietários de cães residentes em apartamentos no município de Niterói-RJ sobre os sinais da síndrome de ansiedade de separação em animais. *Archives of Veterinary Science*, 17:10-17, 2012.
- Westman J.C. & Walters J.R. Noise and stress: a comprehensive approach. *Environ Health Perspectives*, 41:291-309, 1981.